

Ver-se a si: a literatura hispano-americana e Josefina Plá

*Mirarse a si: la literatura
hispaniamericana y Josefina Plá*

Andre Rezende Benatti**

Resumo: No século XXI, ao discorrermos a respeito da literatura hispano-americana, sempre o que de imediato temos em mente são nomes de grande reconhecimento tais como Mario Vargas Llosa, Jorge Luis Borges, Pablo Neruda. No entanto, algo que raras vezes pensamos, ou percebemos, é que quando nos recordamos dessa Literatura Hispano-americana, desses grandes autores que a compõem, somente nos recordamos, salvo algumas exceções, de autores do século XX, no máximo do final do século XIX, ou seja, autores pertencentes ao dito período moderno ou modernista. Portanto, pretendemos aqui aclarar as ideias acerca de tal, do que é o período moderno na América espanhola. Tomaremos em análise os textos da escritora hispano-paraguaia Josefina Plá, que em meio a esse modernismo, a essa modernidade, se encontra quase que esquecida.

Palavras-Chave: Modernidade. Literatura Hispano-americana. Josefina Plá.

Resumen: *En el siglo XII, al discurrirnos a respecto de la literatura hispanoamericana, siempre lo que de inmediato tenemos en mente son nombre de gran reconocimiento como Mario Vargas Llosa, Jorge Luis, Borges, Pablo*

** PPGLen – UFRJ/UEMS/NEHMS

Neruda entre otros. Entretanto algo que pocas veces pensamos , o percibimos, es que cuando nos recordamos de esa Literatura Hispanoamericana, de estrés grandes autores que la componen, solamente nos recordamos, salvo algunas excepciones, de autores del siglo XX, en el máximo de los fines del siglo XIX, es decir, autores pertenecientes al dicho período moderno o modernista. Por tal, pretendemos aquí aclarar las ideas acerca de tal, de lo que es el periodo moderno en la América Española, y en este tomaremos en análisis los textos de la escritora hispano paraguaya Josefina Plá, que en medio a este modernismo, a esta modernidad, se encuentras casi que olvidada.

Palabras-clave: Modernidad. Literatura Hispanoamericana. Josefina Plá.

O novo mundo

Ao aludirmos à literatura hispano-americana, se faz necessário esclarecer e precisar, tornar objetivo, um dos mais múltiplos, complexos e interessantes discursos culturais produzidos nas Américas, que é tal literatura. Não raro vemos pesquisadores, que detém a literatura da América espanhola como objeto de pesquisa, preconizar, ou divagar, ou discutir, sobre a relevância ou não da nomenclatura, “literatura hispano-americana”, como o primeiro problema que se enfrente ao pesquisar tal objeto. No entanto, deveríamos nos preocupar, nos perguntar: há alguma literatura da dita América Espanhola que possua características próprias? E essa pergunta poderia ser estendida para: há alguma cultura na dita América Espanhola que possua características próprias, que não seja parte de um todo? Desde quando existe algo de literário próprio dessa/nessa região?

As respostas a estes e a outros questionamentos que nos ocorrem quando voltamos nossos olhos para a literatura hispano-americana podem ser encontrados a partir do longo processo histórico de colonização da América espanhola, que tem início no século XVI, no qual os espanhóis alegam de uma Europa recém saída do medievalismo, e de uma Espanha que ainda não perdeu seus fortes traços medievais, toda sua cultura e a implantam na América fundam cidades, expandem seus territórios, dominam militar, econômica e culturalmente as novas terras do além mar. Assim, quase tudo o que regia a vida local, a cultura, a economia, os valores de grandes civilizações indígenas, como os Astecas, os Maias e os Incas se perdem, no entanto, algo sempre sobrevive, não há como apagar uma cultura já enraizada na terra. Logo, a mistura das essências das culturas locais, deste algo que sobreviveu, com a européia hispânica, se faz uma mestiçagem do sobrevivente e do usurpador. Em conseqüência não há uma prevalência de uma sobre a outra, mas sim uma síntese das duas culturas. A esta síntese se une outra cultura, a africana, trazida pelas mãos dos escravos que vêm para a América como mão de obra em alguns lugares do novo continente.

Lo que vino a realizarse en América no fue ni la permanencia del mundo indígena, ni la prolongación de Europa. Lo que ocurrió fue otra cosa y por eso fue Nuevo Mundo desde el comienzo. El mestizaje comenzó de inmediato por la lengua, por la cocina, por

*las costumbres. Entraron las nuevas palabras, los nuevos alimentos, los nuevos usos*¹.
(USLAR PIETRI, A., 1990, p. 350)

Os intelectuais, que aportaram no Novo Mundo, vindos de uma Europa tradicionalíssima e “cultura”, ou melhor, em se tratando do América espanhola, os intelectuais espanhóis que aqui vieram para o Novo Mundo, se depararam com uma variedade extremamente grande e distinta de tudo o que era conhecido no Velho Mundo, são novas cores, cheiros, gostos da cultura local.

Se compreendermos a literatura como um produto da cultura, logo a mestiçagem, essa mistura européia, indígena e africana, também, está presente na literatura produzida no Novo Mundo, pois o que pensamos ser Literatura, como nos afirma Candido (2000), é algo projetado na realidade, o que já vem sendo posto, discutido e pensado desde a *mimesis* aristotélica. No entanto quando falamos aqui de uma literatura hispano-americana, temos que nos esforçar em perceber que tal literatura é proveniente de uma cultura, como já referido, múltipla, e que possui suas origens em uma obscuridade, com limites não determinados, com uma história de horror e terror em sua gênese, e que, nos parece claro, carrega e ainda carrega tais reflexos em seu ser.

No entanto, na esteira do que nos mostra Octavio Paz, no ensaio *Alrededores de la Literatura Hispano-americana*, não podemos falar em uma literatura genuinamente Hispano-americana antes do período que se convencionou chamar de Modernismo. Período de modernidade que se comporta desde os finais do século XIX e primeira metade do século XX, antes de tal período o pensamento em vigor, até mesmo entre os próprios intelectuais hispano-americanos era de que

*“la literatura hispanoamericana no es sino una rama del tronco español. Ésta fue la idea prevaleciente hasta fines del siglo XIX y nadie se escandalizaba al oírla repetida por los críticos españoles.”*² (PAZ, 1981, p. 27)

¹ Trad. nossa: O que veio a realizar-se na América não foi nem a permanência do mundo indígena nem o prolongamento da Europa. O que ocorreu foi outra coisa e por isso foi Novo Mundo desde o começo. A mestiçagem começou de imediato pela língua, pela cozinha, pelos costumes. Entraram novas palavras, novos alimentos, novos usos.

² Trad. nossa: a literatura hispano-americana não é senão um ramo do tronco espanhol. Esta foi a ideia prevalecente até finais do século XIX e ninguém se escandalizava ao ouvir-la repetida por críticos espanhóis.

e o autor ainda completa, que tal fato ocorreu, pois até o aparecimento dos modernistas, não se fazia tarefa simples a percepção de traços originais na literatura hispano-americana.

Ainda de acordo com Octávio Paz, desde o Romantismo havia certa aspiração a um desmembramento, a uma independência literária da Espanha, tal se deu por conta de uma busca, não apenas por uma essência hispano-americana, mas por uma universalidade do que era produzido na Hispano-América.

Se partirmos da premissa, ou da concepção de que a literatura hispano-americana, recebe tal nomenclatura por ser uma composição feita pelas diversas literaturas produzidas na América espanhola, que não se encontram só, isoladas, ou que não tem fronteiras específicas que delimitam seu começo ou seu fim, e sim são múltiplas e se completam entre si. Podemos também pensar que tal literatura não tem a necessidade de fixar fronteiras literárias nos limites do continente a qual foram produzidas. E alçar voos maiores, para a universalidade de seus escritos, o que no século XX é afirmado pelos próprios autores de tal Literatura, como por exemplo no prólogo de *La Pierna de Severina*, da escritora hispano-paraguaia, Josefina Plá, livro de contos que retratam a sociedade paraguaia do início do século XX, em que a autora volta os olhos em especial para as mulheres de classes inferiores e cujo prólogo a própria Josefina Plá revela ao referir-se aos contos dispostos no livro:

*“Todos tienen su punto de arranque directo en la realidad de un día u otro. [...] Con esta colección no se agota todavía la lista de cuentos míos de nacimiento local. [...] Estoy convencida de que todos ellos, aunque rebotes de vivencias locales, son universales en su humana raíz. Cambiando nombres, paisajes y tal cual circunstancia, pueden darse, se dan, en cualquier otra parte del mundo.”*³ (PLÁ, 1996, 163)

“en su humana raíz”⁴ (PLÁ, 1996, 163), discursa Josefina Plá, no prólogo *Acotaciones temporales*, de *La pierna de Severina*. Raiz humana, humana raiz, se pensarmos que a literatura hispano-americana, assim como nos mostra Octavio Paz, em *In/mediaciones* (1981), no ensaio *Alrededores de la literatura*

³ Trad. nossa: Todos têm seu ponto de arranque direto na realidade de um dia ou outro. [...] Com esta coleção não se esgota, todavia a lista de contos meus de nascença local. [...] Estou convencida de que todos eles ainda que rebotes de vivências locais, são universais em sua humana raiz. Mudando nomes, paisagens e tal qual circunstância, podem dar-se, se dão, em qualquer outra parte do mundo.

⁴ Trad. nossa: em sua humana raiz.

hispanoamericana, só se torna original, ou seja, nasce, única e verdadeiramente no modernismo, com o modernismo, com a modernidade, do pensamento, podemos refletir a respeito do que escreveu Josefina Plá, “universales en su humana raiz⁵” (PLÁ, 1996, p.163), ou seja, a literatura hispano-americana, só nasce, não quando volta seus olhos para si, para o onde se originou, mas quando revela este onde, este lugar, de maneira universal, quando ela quebra as fronteiras territoriais e chega no ser humano em sua essência.

O mundo delirante

Pensar à Literatura Hispano-americana, tal como expusemos acima é pensar o local de maneira universal no campo da arte literária. A arte que é uma tentativa de conhecimento, uma tentativa do pensar o homem, e em se tratando de arte literária, devemos reconhecer que o compromisso desta é com a palavra, é através dela que local será exposto universalmente. Voltando ao caráter mimético da obra de arte literária, esta que representa uma realidade pré-existente. Podemos ajuizar, tomando as compreensões de Bella Jozef (2006, p.27) que “O texto literário revela o sentido do real através do literário. Esta capacidade de apreender o real, através da estética, é a literariedade. É o que o discurso diz, mas não sugere. E o próprio discurso”.

E quando ajuizamos de tal maneira sobre a literatura hispano-americana, percebemos e compreendemos que o ser humano não se forma não se conhece em pouco tempo, ele vai se conhecendo aos poucos, e como sabe-se a literatura é um produto humano, e voltando à Bella Jozef (2006), esta, a literatura, que revela o sentido, o significado do real. Ao voltarmos às concepções anteriores do que é e de como se forma a literatura hispano-americana, percebemos que esta só se forma, conforme já dito quando o homem começa a conhecer-se a si por meio da palavra escrita, por meio do texto literário. Conhecer-se a si, aqui não significa ponderar de si próprio, e sim raciocinar sobre a condição do ser humano dentro do seu meio social, suas relações com seus próprios pares.

⁵ Trad. nossa: universais em sua humana raiz.

Refletindo de tal maneira os conceitos a respeito do que é a literatura hispano-americana, nos deparamos com a obra de Josefina Plá. Na qual podemos perceber claramente uma visão real do ser humano. Cruel, mesquinho, egoísta, violento, passivo, faminto, caloroso, belo, grotesco, mas acima de tudo humano. Em suas obras, Plá, aos moldes dessa modernidade que inaugura a Literatura Hispano-americana, revela com grande felicidade as pequenas vicissitudes da existência do homem, retratando uma sociedade comum em sua realidade cotidiana, a autora hispano-paraguaia chega à essência do ser humano, esta essência que é buscada e representada neste nascimento da literatura da América hispânica.

Em narrativas como *La Pierna de Severina*, *Sisé*, *Siesta*, *Adios Doña Susana*, *Cayetana*, entre outras, podemos perceber que Josefina Plá, consegue captar toda a essência do ser humano, são narrativas extremamente imagéticas que refletem a cerne do homem e da sociedade formada por este homem. Se literatura é conhecimento do homem, o que Josefina Plá escreve, de longe, se enquadra na categoria literatura, não somente pelo conhecimento da palavra, mas como também pelo conhecimento que esta palavra traz do ser humano.

Neste texto, nos ateremos a uma das narrativas de Josefina Plá, na qual a autora usa do fantástico para revelar sua literatura, seu conhecimento sobre o homem, sua modernidade. A narrativa a qual voltamos nossos olhares e reflexões é intitulada *Muralla Robada*, de título curioso configura-se como uma narrativa que para além do fantástico questiona o humano. Sua posição e comportamento perante ao diferente, ao outro, a si mesmo exposto.

Em *Muralla Robada*, Josefina Plá, nos apresenta um caso totalmente estranho, vinculado ao fantástico: em um dia gasto, um dia velho, o súbito desaparecimento de um muro com portão, de tudo que há no quintal preso e até mesmo das plantas. Os objetos domésticos que também desaparecem. Misteriosos ladrões a vagar pela casa. Vizinhos também desapareceram. Um cenário aparentemente caótico, onde o narrador mostra não saber lidar com suas sensações diante de algo inesperado, de algo diferente

Num mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos, sem diabos, sílfides nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das duas soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós. (TODOROV, 1992, p.30)

Num amanhecer envelhecido como nos discursa o narrador, *“Era como se no fuese el amanecer de este día sino el de algún otro día pasado, y por tanto un poco viejo ya.”* (PLÁ, 1996, p. 289), era este amanhecer que confunde o narrador, que lhe causa o estranhamento mencionado por Todorov (1992), de um mundo que não é real, mas que se choca com a realidade, causando assim a estranheza total em quem se depara com tal cena.

Com uma narrativa curta e totalmente em primeira pessoa, o mundo estranho com o qual nos deparamos o mundo envelhecido, gasto, é totalmente visto, sentido, absorvido pelo narrador, e são somente suas percepções deste mundo e do que o compõe que nos são transmitidas.

Havemos de concordar que o aspecto fundamental do romance é contar uma estória, mas manifestamos nosso assentimento com matizes distintos, e é precisamente do nosso tom de voz que dependerão nossas conclusões subsequentes. [...] Um romance conta uma estória. É este o aspecto fundamental sem o qual ele não existiria. O fator mais elevado que todos os romances tem em comum. (FORSTER, 2004, p.47-48)

Tal afirmativa, de Forster (2004), também pode ser aplicada à narrativa contística, pois conforme Massaud Moisés (1973, p.119) afirma

[...] a origem da palavra conto estaria em *commentu-* (latim), com o significado de ‘invenção’, ‘ficção’. [...] Ainda se pode aventar outra hipótese: na segunda acepção, a palavra conto seria um deverbis, isto é, procederia do verbo contar, [...].

Portanto, o que nos salta aos olhos na narrativa é esta visão, de um narrador que perturbado por deparar-se com uma situação estranha, que foge a seu controle, o “roubo” do muro, acaba por perder-se em si mesmo, em suas próprias convicções e certezas com que o cerca, *“¿Quién habria podido llevarse mi portón, mi pilar, mi muralla; y todo ello en el escasisimo espacio de*

*mis horas de sueño?*⁶” (PLÁ, 1996, p.290), o que nos deixa clara a preocupação de Plá, com relação ao ser humano, ao estado em que este se encontra frente ao inesperado, ao novo.

O novo, quando discorremos sobre a literatura hispano-americana, significa, na esteira das proposições de Paz (1981), a própria criação do que chamamos literatura hispano-americana, essa literatura que somente se firma ao conhecer e compreender o homem e que apenas nasce no dito modernismo literário, quando artisticamente passa a se pensar mais o homem do que a natureza. A literatura se configura como uma arte e como toda arte nasce da ação criadora, de imaginar, inserir e retratar o ser humano, da mesma forma que coexiste no que adquirimos culturalmente, no conhecimento da nossa e das demais sociedades, sejam elas passadas ou contemporâneas, para nos conhecermos a nós próprios, através deste reflexo mimético de quem fomos, somos e seremos os homens de sempre e que, para além disto, e quiçá por isto.

Em seu conto Josefina Plá, trabalha as questões relativas ao ser humano e à literatura hispânica, por meio de uma narrativa fantasiosa. No entanto como nos lembra Candido (2002)

A fantasia quase nunca é pura. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc. Eis por que surge a indagação sobre o vínculo entre fantasia e realidade, que pode servir de entrada para pensar na função da literatura. (CANDIDO, 2002, p. 83)

Função esta, de reconhecer e compreender o homem, que voltando a ideia já posta, a literatura hispano-americana somente adquire com o surgimento do modernismo, no qual alguns críticos afirmam ser o lugar de nascimento da literatura hispano-americana.

Para Zilberman e Silva (1990, p. 19),

(...) o texto literário introduz um universo que, por mais distanciado do cotidiano, leva o leitor a refletir sobre sua rotina e a incorporar novas experiências (...) o texto artístico

⁶ Tradução nossa: "Quem poderia levar meu portão, meu pilar, meu muro; e tudo no escassíssimo espaço de minhas horas de sonho?"

talvez não ensine nada, nem se pretenda a isso; mas seu consumo induz a algumas práticas socializantes que, estimuladas, mostram-se democráticas, porque igualitárias.

O pensamento humano não é ininterrupto, ele se faz de maneira descontínua, múltipla, é um sistema formado de inúmeras linhas que se entrelaçam e, ao mesmo tempo, remetem-se umas para as outras e difundem para fora do conjunto, abrindo-se para múltiplas possibilidades e à circulação livre da sabedoria. As estruturas conceituais tornam-se fluidas, escorregadias e é possível, finalmente, rompê-las e impedir a prisão do pensamento. O que a literatura hispano-americana, somente consegue com uma profunda reflexão do próprio homem hispânico enquanto ser constituinte do mundo. E em se tratando de Literatura, algo que é proveniente do homem, não parece estranho que todas estas dúvidas e incertezas do homem hispano-americano estejam nelas representada.

En sus comienzos nuestra literatura fue mera prolongación de la española, como la norteamericana lo fue de la inglesa. (...) A fines del siglo pasado, fecundada por la poesía simbolista francesa, nace al fin la poesía hispanoamericana. Con ella y por ella, un poco más tarde, nacen el cuento y la novela. Después de un período de obscuridad, nuestros poetas y novelistas han ganado, en la segunda mitad del siglo un reconocimiento universal. Hoy nadie niega la existencia de una literatura hispanoamericana, dueña de rasgos propios, distinta de la española y que cuenta con algunas obras que son también distintas y singulares. Esta literatura se ha mostrado rica en obras poéticas y en ficciones en prosa, pobre en el teatro y pobre también en el campo de la crítica literaria, filosófica y moral. Esta debilidad, visible sobre todo en el dominio del pensamiento crítico, nos ha llevado a algunos entre nosotros a preguntarnos si la literatura hispanoamericana, por más original que sea y nos parezca, es *realmente moderna*. La pregunta es pertinente porque, desde el siglo XVIII, la crítica es uno de los elementos constitutivos de la literatura moderna. Una literatura sin crítica no es moderna o lo es de un modo peculiar y contradictorio.⁷ (PAZ, 1981, p. 41-42)

Se podemos pensar em uma literatura hispano-americana moderna é por que ela nasce no modernismo, ela nasce em um momento chave na

⁷ Tradução nossa: Em seu começo nossa literatura foi uma mera prolongação da espanhola, como a norte-americana o foi da inglesa. (...) Nos fins do século passado, fecundada pela poesia simbolista francesa, nasce finalmente a poesia hispano-americana. Com ela e por ela, um pouco mais tarde, nascem o conto e o romance. Depois de um período de obscuridade nossos poetas e romancistas ganharam, na segunda metade do século um reconhecimento universal. Hoje ninguém nega a existência de uma literatura hispano-americana, dona de traços próprios, distinta da espanhola e que conta com algumas obras que são também distintas e singulares. Esta literatura se mostrou rica em obras poéticas e de ficção em prosa, pobre em teatro e pobre também no campo da crítica literária, filosófica e moral. Esta debilidade, visível sobretudo no domínio do pensamento crítico, nos levou a alguns entre o nossos a perguntarmos se a literatura hispano-americana, por mais original que seja e nos pareça, é *realmente moderna*. A pergunta é pertinente porque, desde o século XVIII, a crítica é um dos elementos constitutivos da literatura moderna. Uma literatura sem crítica não é moderna ou o é de modo peculiar e contraditório.

história do homem, no qual este passa a pensar a si mesmo, e a refletir sobre si mesmo, sobre sua posição no mundo, pois como nos descreve Paz (1981), se não há crítica não há literatura, e a crítica se faz perante ao homem que a faz e sobre este.

No que toca a literatura hispano-paraguaia produzida por Josefina Plá, tanto no conto *Muralla Robada*, quanto em toda sua narrativa, podemos constatar uma grande gama crítica sobre a sociedade na qual a autora se encontra. O retrato desde ser humano que, se esta sim, no Paraguai, mas que poderia estar em qualquer parte do mundo, com suas mazelas, suas dificuldades, momentos de estranheza que fazem parte da vida humana. A literatura de Plá, é sim, uma literatura genuinamente moderna, genuinamente hispânica e é sim, genuinamente Literatura, aquela com letras maiúscula que aprendemos, que é sinônimo de boa literatura.

Referências Bibliográficas

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *In:* _____ **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas cidades Ed.34, 2002.

_____. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. Trad. Sergio Alcides. 4. ed. revisada. São Paulo: Globo, 2004.

JOZEF, Bella. **A máscara e o enigma**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 2006.

PAZ, Octavio. **In/mediaciones**. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1981.

PLÁ, Josefina. **Cuentos completos**. Org. Miguel Ángel Fernández. Asunción, PY: Editorial El Lector, 1996.

USLAR PIETRI, Arturo. **Cuarenta ensayos – mestisaje y nuevo mundo**. Caracas: Monte Ávila, 1990.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. 2. ed. Trad. Maria Clara Correia Castello. São Paulo: Perspectiva, 1992.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e pedagogia: ponto e contraponto**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.